



A Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva
– o seu papel no estudo, preservação e divulgação
das Artes Decorativas portuguesas

Isabel Mayer Godinho Mendonça

Centro de Estudos de Artes Decorativas
da Escola Superior de Artes Decorativas da
Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva

Fundação Casa de Rui Barbosa
Rio de Janeiro, 13 de Abril de 2011



A FUNDAÇÃO RICARDO DO ESPÍRITO SANTO SILVA

A Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva é uma instituição de utilidade pública portuguesa, criada pelo Decreto-Lei n.º 39 190 de 27 de Abril de 1953 e tutelada pelo Ministério da Cultura.

Em 1953, o banqueiro e colecionador Ricardo do Espírito Santo Silva doou o Palácio Azurara e parte da sua colecção privada ao Estado Português.

Nasceu assim a Fundação com o seu nome, criada como Museu-Escola com a finalidade de proteger e divulgar as Artes Decorativas Portuguesas e os ofícios com elas relacionadas.

Hoje, além do Museu de Artes Decorativas, a Fundação tem 18 oficinas de artes e ofícios tradicionais portugueses que mantêm vivo um importantíssimo património imaterial de saber-fazer e asseguram uma intervenção especializada a nível do património português com a sua vertente de conservação e restauro.

Tem também duas escolas para ensino das Artes: a Escola Superior de Artes Decorativas (ESAD) e o Instituto de Artes e Ofícios (IAO), dando perenidade à transmissão do saber, onde o ensino das artes é uma prioridade e uma missão.

Passadas várias décadas a Fundação continua a ser uma referência de prestígio na divulgação e preservação do saber-fazer das artes decorativas portuguesas.

Ricardo do Espírito Santo Silva, Coleccionador e Mecenas

Ricardo do Espírito Santo Silva nasceu em Lisboa em 1900 e morreu prematuramente em 1955.

Foi banqueiro e empresário de profissão, alma de poeta e artista, mecenas das letras e das artes e colecionador de arte por paixão – o que lhe valeu ter sido considerado um verdadeiro “Príncipe da Renascença”.

Imbuído de um espírito extraordinário de serviço público, dedicou a sua vida a reunir com coerência artística e a trazer de volta a Portugal, comprando em leilões ou a colecionadores privados, um património artístico único que pelas vicissitudes da história se dispersou.

Homem de sensibilidade apurada e amante da arte, reuniu uma notável colecção de arte portuguesa ou relacionada com Portugal, com especial incidência nas artes decorativas, que pode ser apreciada no Museu de Artes Decorativas portuguesas instalado no palácio Azurara, em Lisboa, no antigo bairro de Alfama.



O Palácio Azurara

- Em 1790, João Salter de Mendonça (1746/1825), nascido no Brasil e residente no Reino desde 1779, comprou o palácio de raiz seiscentista. Desembargador da Casa da Suplicação (1789) e Procurador-Geral da Coroa (1798), recebeu de D. João VI o título de visconde de Azurara.
- Em 1825, por sua morte, o palácio passou para o seu filho mais velho, com o mesmo nome, João Salter de Mendonça (1804/1872), 2º visconde de Azurara, que casou com a filha dos condes de Alpedrinha, D. Maria Henriqueta de Vilhena Saldanha e Daun, de quem não teve descendência.
- Em 1870, o palácio estava na posse de Pedro da Cunha. Após a sua morte foi dividido por vários herdeiros. Teve de seguida várias ocupações: colégio, sede do Estado-Maior do Exército, Hospital, habitação plurifamiliar. Em 1943, o palácio foi à praça por partilhas , sendo adquirido por João Fernandes Baptista.
- Em Dezembro de 1947, Ricardo Espírito Santo comprou o palácio, com vista a nele instalar o Museu-Escola de Artes Decorativas Portuguesas.
- O arquitecto Raul Lino realizou obras de adaptação, supervisionadas pelo próprio Ricardo Espírito Santo e pelo seu colaborador Guilherme Possolo.
- 1991/1993 – novas obras têm lugar, da responsabilidade dos arqts. António Maria Braga e Alberto Castro Nunes, após a transferência da Escola Superior de Artes Decorativas para outras instalações.
- 1993 – o palácio foi classificado como imóvel de interesse público.



















